

Bons tempos

Trecho do livro *Whatever*
de Leonardo Brasiense
(*Artes e Ofícios*, Porto Alegre, 2010)

Era difícil o tempo todo.

Mas acordar cedo nunca me incomodou, eu dormia bem. Vi num documentário na TV que a gente sonha quando o sono é superficial, no sono profundo não há sonhos. Então era por isso que eu dormia bem, porque nunca sonhava. Sempre ria quando ouvia as pessoas dizendo que “temos que perseguir nossos sonhos e torná-los realidade”. A minha realidade era que eu não sonhava.

Depois dizem que a gente só vê bobagens na televisão.

Sim, eu sei, eles falam “sonho” em outro sentido. Tudo bem. Mas eu não sonhava. E se sonhasse, não seria mais fácil. Acho que seria até mais difícil. Minha vida era mesmo uma *flor*.¹

Quando era mais novo, tinha a sensação de que se tivesse nascido em outro lugar, com tudo diferente desde o início, eu não sentiria esse vazio. Daí aconteceu alguma coisa, não lembro quando nem o que foi, mas aconteceu alguma coisa que me fez pensar,

¹ Por razões editoriais, não se escreve *palavrão* em livro juvenil, embora você leitor conheça todos desde criancinha. Assim, toda vez que aparecer a palavra “*flor*”, entenda ali o *palavrão* mais adequado à situação. Malditos tempos do “politicamente correto”!

me fez entender que mesmo que fosse tudo diferente, tudo podia ser igual, não havia como escapar.

Eu tinha que resistir.

Embora fosse difícil, o tempo todo.

Acordava muito cedo. A aula era às sete e meia. A escola não era perto, uns vinte minutos de casa. Também não era tão longe que justificasse meu pai me levar de carro. Ele trabalhava no outro lado da cidade, seria mesmo um incômodo. Quando eu era menor, tudo bem, ele não fazia mais que a obrigação. Mas agora eu já estava “grandinho”, como ele dizia. Eu entendia. Sempre entendi meus pais. Eles sempre me entenderam. Assim, cada um na sua, a gente não brigava. Melhor para todos. Os caras que eu via brigando com os pais chegavam no mesmo lugar, ou seja, em lugar nenhum.

No primeiro ano do Ensino Médio, as primeiras aulas da manhã eram sempre com os professores mais chatos, os que davam mais sono. Isso não tinha como ser por acaso. Devia ser de propósito, algo muito bem calculado. Um teste de força. Só os mais fortes sobrevivem. Depois da primeira aula, quem ainda conseguisse ter vontade de fazer qualquer coisa que fosse, ia aprender as outras matérias, ia tirar boas notas, passar no vestibular, ia vencer na vida.

Bastava resistir.

No fundo, o que me salvou foi ter um tio alcoólatra. Ele contava que no AA ensinavam a se concentrar no dia: “Hoje não vou beber, só hoje”. Se pensassem que não iam beber mais pelo resto da vida, a vontade ficaria insuportável. Então eu não podia pensar

nas notas altas, no vestibular, na profissão. Só precisava pensar que a primeira aula acabaria dali a 50 minutos, e que dali a duas horas viria o recreio... Meu pensamento não passava do recreio, era uma boa perspectiva de futuro. O resto era problema para depois.

Futuro.

– E você, João Pedro. Que vai ser?

– Ah?

– Sim, o vestibular. Vai fazer o quê?

Era a professora de Geografia. Era a primeira aula da manhã do meu primeiro dia no Ensino Médio.

Pelo jeito ela vinha perguntando na ordem das carteiras. Estavam todos na sala voltados para mim, especialmente os quatro que já tinham respondido. Quer dizer, acho que responderam, porque não ouvi.

Olhei bem na cara deles.

Jefferson Vieira, com dois effes, dois fundos-de-garrafa pendurados no nariz. Futuro aviador. Reprovado na seleção porque usava óculos.

João Felipe Hausenthaler. Sorriso de vagabundo. Funcionário público.

A Marcinha. Futura esposa, no máximo.

– Ainda não decidiu, João Pedro?

Ela era professora de Geografia! Para que essa ansiedade em saber do meu vestibular? Só precisava me dizer como chegar na Rodoviária e comprar uma passagem pra Tailândia, a Irlanda, os Grandes Lagos, a *flor-que-floriu!*

– Então, indeciso?

Olhei para o último que havia respondido. O retardadinho que sentava na minha frente, eu ainda não tinha decorado o nome... Cara de professora de Geografia.

– Na verdade, estou bem decidido. Não vou fazer vestibular não. Vou ser boxeador. Tenho uma gana de bater que a senhora nem imagina.

Eu disse isso? Não, não disse. Foi só vontade. Eu respirei fundo e disse:

– Bem, como a senhora sabe, é uma decisão muito importante. É o meu futuro. Realmente ainda não decidi. Tenho que pensar. Não quero fazer uma escolha irresponsável.

A professora sorriu. Que satisfação.

Os outros ficaram me olhando sérios.

Eu fixei bem o rosto, a fisionomia de cada um. Ia desenhar todos no meu saco de pancadas quando fosse treinar boxe para o campeonato mundial da liga peso-pesado.

O rosto da professora eu não precisava mais olhar. Já conhecia de cor. Queixinho lindo. Direto de esquerda.

No recreio deu para respirar. Mas não por muito tempo. Primeiro dia de aula, sempre tem um pobre-coitado-carente tentando fazer amizade. Nesse caso, era o retardadinho, o que tinha cara de professora de Geografia.

– Olá, João Pedro. Você enganou todo mundo lá dentro. Os idiotas caíram mesmo na tua conversa.

Ops, me enganei. O guri era gente boa.

– E você, o que disse?

– Nem lembro. Qualquer bobagem.

Gente boa e inteligente. Naquelas alturas eu já não lembrava por que tinha achado ele com cara de retardado. Talvez porque estivesse sempre quase babando. Mas olhando bem era apenas cara de sono. Ou ele simplesmente não estava nem aí.

– Lá vem um dos babaquinhas – ele disse. – Que tal a gente dar o fora daqui?

Ali naquele momento ficou tudo estabelecido: havia “eles” e, portanto, havia “nós”. Gostei da idéia. Não que as coisas pudessem ficar mais fáceis, mas então éramos dois tentando... resistir. Eu não estava sozinho. Putz, será que no fundo eu era um pobre-coitado-carente?

Dali a duas semanas estávamos eu e meu amigo, no recreio, comendo cachorro-quente e tirando sarro da cara dos outros.

– E aquele ali?

– Bombeiro. Mas vai morrer queimado.

– Por quê?

– Não sei.

Chegaram dois caras do segundo ano. Dois grandões. Eu os olhei de baixo para cima, sem constrangimento.

– E aí, gurizada? – disse o mais alto.

– Ó – eu respondi.

Meu amigo não cumprimentou. Senti que ele estava nervoso.

– Beleza? – perguntou o outro.

Até eu me fechei. Esses caras eram enrolados. Iam ficar nessa lenga-lenga até que horas?

– Só no cachorro-quente, é? – voltou o mais alto.

– Não, é miolo de segundo anista com molho de tomate. Mas tá meio sem sal.

Eu disse isso? Óbvio que não. Queria apanhar, decerto! Só balancei a cabeça pra cima e pra baixo, encarando.

– Seguinte... – os dois falaram ao mesmo tempo. Se olharam e riram.

O mais alto fez um sinal com a mão para o outro falar.

– Seguinte – o mais baixo continuou –, a gente tem aqui uma coisinha legal – deu um tapinha na mochila. – Querem ver?

Meu amigo ainda não tinha aberto a boca. Nem o cachorro-quente ele comia mais. Numa situação normal, eu ia mandar os babacas se catarem, independente do tamanho deles. Se eles tinham uma “coisinha legal”, que fossem mostrar às suas mães, ora. Mas vendo o meu amigo naqueles nervos, eu pensei: “Vamos ver se ele também é durão, até onde ele agüenta”.

Dei uma mordida no cachorro-quente.

– Mostra aí – eu disse, de boca cheia.

– Nada a ver! – o cara deu um passo para trás, como se eu fosse arrancar a mochila dele.

Eu ri por dentro, imaginando um “armário” daqueles com medo de mim, ele grandão, eu menor e de boca cheia. Tudo bem, a vida tem graça é por essas “cenas”.

Meu amigo olhava tudo aquilo congelado, de medo. Tanto ele quanto eu sabíamos o que os caras tinham para nos mostrar, nenhum de nós era burro. E ele, pelo jeito, não entendia qual era a minha, nessas alturas devia pensar que eu era maconheiro.

Terminei o cachorro-quente, limpei os dedos no papel, fiz uma bolinha com ele e joguei no lixo dizendo ao guri:

– Vai, termina aí o teu ou bota fora.

Ele soltou o resto de cachorro-quente no chão, quer dizer, aquilo caiu, escorregou, tipo sem querer, por fraqueza. O coitado estava pálido, não piscava nem conseguia fechar a boca. Daria pena, se eu sentisse pena.

Com toda a paciência, me abaixei, peguei o meio cachorro-quente do chão e o joguei na lixeira.

– Vamos numa vez – falei pros grandões. – Vai ser onde?

– No banheiro – o mais alto respondeu meio sério.

Dei um tapa nas costas do meu amigo:

– Vamos.

No banheiro a gente enrolou até saírem dois pirralhos que estavam escovando os dentes – eram da nossa turma, mas eu não sou pirralho, e jamais escovo os dentes por comer no recreio, não sou pirralho. Daí o grandão mais alto se encostou na porta, ia segurá-la se chegasse alguém. O outro colocou a mochila em cima da pia, abriu, nos mostrou a coisa. Achei que o meu amigo fosse desmaiar, ele suava e tremia. Eu, firmão:

– É da boa?

– Da boa – agora o segundo anista também parecia nervoso.

– Quanto?

Ele respondeu.

Virei para o meu amigo:

– Você tem dinheiro aí?

Ele me olhava, olhava o bagulho, me olhava, olhava o bagulho, até que falou:

– Não... não tenho.

– Ah, então não vai dar – eu disse para o grandão, fingindo o maior sentimento.

Ele ficou me olhando, meio sorrindo, sem palavras, nervoso. Colocou o tijolinho de volta na mochila, devagar, num silêncio que me divertia.

– Tá legal, até mais – e peguei meu amiguinho pelo braço e saímos dali.

Bem ou mal, ele passou no teste. Não era exatamente um durão, mas tinha alguma força, eu pensei. Mesmo sabendo o que ia acontecer, mesmo não querendo que acontecesse, ele foi lá comigo. Ou era durão, ou confiava em mim, tanto faz. Nem eu sabia direito por que fiz o tal do teste com ele. Ou se fiz comigo. Sei lá. Não, comigo não foi, eu sempre imaginei uma situação dessas e sempre soube que não compraria. Dos meus conhecidos, até ali, ninguém tinha se envolvido com drogas. Mas eu já vi muita coisa na TV, do estrago que elas fazem, e que no fim das contas não resolvem o problema – quem tem pelo menos três neurônios e já passou pelo menos duas horas na frente da TV já sacou tudo, sabe que nada resolve o problema.

E o problema eu sabia bem o que era, e sabia que só tinha uma coisa a fazer: resistir.

Voltamos ao pátio. Ainda sobravam dez minutos de recreio. Dava para adivinhar o futuro de muita gente.

– E essa?

– A Fernandinha da 1ª B?

– É. Pode ser.

Meu amigo fez uma pausa, ainda não estava bem recuperado do susto que levou no banheiro...

– Não sei. Farmacêutica?

– Pode ser.

De repente eu comecei a rir. Ele perguntou o que era. Balancei a cabeça como dizendo “não é nada, nada não”. Eu ria de satisfação porque tinha encontrado alguém como eu, alguém que resistia. É, talvez no fundo eu fosse mesmo um pobre-coitado-carente, que precisa dos outros para agüentar. Mas não me senti mal com isso, não. Estava me sentindo bem, e de um certo modo, mais leve. Ria e ria, sem controle. Era bom não estar sozinho: o meu amigo era como eu, resistia.

Então ele se virou para mim, franzindo a testa:

– Vem cá, João Pedro, me diz uma coisa: o que é que você pretende fazer da vida? Tipo assim, de verdade?

Não. Putz. Me enganei. Caí do cavalo, e de cabeça no chão...

Ele tinha esperança.